

**UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA PERCEPÇÃO  
SENSORIAL DO AMBIENTE PRECÁRIO  
NAS OBRAS “POEMA SUJO” E “O CORTIÇO”**

*Kézia da Silva Calixto (UFT)*

[kzcalixto@gmail.com](mailto:kzcalixto@gmail.com)

*Luciane Barros da Silva (UFT)*

[luciane.itz@gmail.com](mailto:luciane.itz@gmail.com)

*Katia Carvalho da Silva ocha (UFT)*

[kzcalixto@gmail.com](mailto:kzcalixto@gmail.com)

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise comparativa de cunho sociocrítico das obras “Poema sujo”, de Ferreira Gullar, e “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo. Tendo em vista que em ambas as obras é possível perceber espaços muito precários e sujos, denotando ambientes marcados pela extrema pobreza; e como o narrador e o eu lírico expõem tais espaços de maneira onisciente/onipresente, logo, conclui-se, que eles estão inseridos naquele meio como indivíduos. Ora, para que personagens como Rita Baiana (criação de Azevedo), se submetam a situações de humilhação e miséria, é preciso que elas estejam vulneráveis a isso. E para que o eu lírico de “Poema sujo” retrate de maneira crua e pessoal os espaços em que percorre, é necessário que ele esteja inserido no meio, como pertencente aquele espaço. Assim, procura-se demonstrar como estes espaços/ambientes simbolizam a grande desigualdade socioeconômica presente na sociedade brasileira, e, também, refletir sobre a vulnerabilidade diante de situações de miséria que essa personalidade presente em ambos os textos expressa.

**Palavras-chave:**

Análise comparativa. “O cortiço”. “Poema sujo”.

**ABSTRACT**

The present work aims to perform a comparative analysis of sociocritical nature of the works “Dirty Poem” by Ferreira Gullar, and “The tenement” by Aluísio de Azevedo. Considering that in both works it is possible to analyze precarious and dirty spaces, denoting marked environments by extreme poverty; then the narrator and the lyrical self expose such spaces in an omniscient and omnipresent way, it follows the individuals insertions in that environment. Now, for characters as Rita Baiana, by Azevedo, to submit to humiliation and misery situations, they must be vulnerable to it. And in order for the “Dirty Poem”, the lyricist to portray the spaces in which it passes by, in a crude and personal way, it must be inserted in the middle, as belonging to that space. Moreover, we seek to demonstrate how these spaces and environments symbolize the great socioeconomic inequality present in Brazilian society, as reflected in the vulnerability from misery situations, this personality present in both texts express.

## **1. Introdução**

A poesia é uma manifestação artística que pode se utilizar de características não convencionais para expressar ideias, sentimentos, cenários, contextos, etc. O texto literário, tanto no verso, quanto na prosa, pode, por vezes, revelar aspectos que vão além de um sentimento totalmente abstrato, manifestando uma percepção do narrador ou do eu lírico sobre um cenário que faz parte da sua realidade, isso pode ser percebido nas obras “O cortiço”, de Aluísio Azevedo e em “Poema sujo”, de Ferreira Gullar.

A corrente Naturalista, a qual cria um ambiente precário e grotesco em sua estética, traz para o leitor uma sensação de asco e incômodo, devido às suas características biológicas, cientificistas, deterministas, obscuras, polêmicas, sensuais e eróticas que mostram ambientes e contextos precários, influenciando na maneira de pensar e viver das personagens.

“O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, é um romance naturalista, que denuncia as péssimas condições de vida das pessoas que viviam em estalagens (cortiços) cariocas do século XIX. Por outro lado, o contexto histórico de escrita do “Poema sujo”, é de tensão política, visto que foi escrito durante o exílio do autor na Argentina, no ano de 1975, mas, ainda assim, a imagética exposta da vida, no bairro da Baixinha e em outros espaços miseráveis de São Luís, é grotesca, tanto que se assemelha à estética naturalista, podendo até ser considerado um texto neo-naturalista. São retratados, de tal maneira, com tanta verdade, que trazem à memória impressões fortes, graças à exploração dos sentidos humanos, como a visão, o paladar, o tato, a audição e como foco deste trabalho, o olfato.

Dessa forma, este trabalho pretende fazer uma análise comparativa entre as referidas obras, com ênfase nos aspectos da representação sensorial provocadas pela relação entre as personagens e o meio em que estão inseridas, já que tanto na obra de “Poema sujo”, de Ferreira Gullar, quanto em “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, características que fazem alusão aos cinco sentidos humanos. Estreitando-se, porém, a exploração do olfato, nas referidas obras, e, ainda, buscando perceber como tal característica, em especial, expressa as problemáticas sociais do século XIX e XX. Estreitando-se, porém, ao sentido do olfato e, buscando per-

ceber como tal característica em especial expressa as problemáticas sociais do século XIX e XX.

## **2. O sensorial**

A utilização constante dos aspectos sensoriais é uma marca muito forte na construção estética de ambos os textos. Um exemplo de aspectos sensoriais presentes em “Poema sujo” são as onomatopeias, como forma de criar a ideia de audição. Sobre isso, Kishimoto (2010), aborda:

A onomatopeia por si própria cria impacto visual, proporcionando blocos que ampliam o poder das imagens. Enquanto o leitor acompanha a história, sua consciência é estimulada por sugestões auditivas e visuais fortes. (KISHIMOTO, 2010, p. 4)

Dessa forma, ao descrever a chegada de um trem, por exemplo, “tarã TARĀTARĀTARĀ/ tchitchitchichi.” (GULLAR, 1980, p. 245), o leitor é condicionado a ouvir/ imaginar o automóvel em fluxo, primeiramente, devido ao som ser escrito em letra maiúscula (TARĀ = movimento rápido, contínuo), e por fim, em letra minúscula (tchim = movimento calmo, desaceleramento). É imprescindível comentar a relação desta parte com a Bachiana nº 2, Tocata, de Villa-Lobos, que serviu de inspiração para canção “Trenzinho Caipira”, nascida do poema de Ferreira Gullar.

A presença do olfato no “Poema sujo” e em “O cortiço” causam no leitor a impressão de estar realmente inserido no ambiente que é mostrado pelo eu-lírico e pelo narrador; sentindo os mesmos cheiros, tendo as mesmas visões e tocando nos mesmos objetos relatados pelas vozes textuais. Conforme aponta Soethe (2009),

[...] os textos literários carregam em si conhecimentos sobre a vida e a experiência humana e aguçam a consciência (individual e social) quanto a certas formas de conhecer: ativam a sensibilidade e a imaginação, chamam a atenção do sujeito para sua participação no mundo material partilhado com os outros, para sua participação em uma comunidade de comunicação que se imagina e se reconfigura a todo momento. (SOETHE, 2009, p. 21)

Observa-se, que quando o eu lírico de “Poema sujo” apresenta os seus espaços, ele faz isso de maneira nostálgica, como que relembando os lugares em que esteve. Sobre isso, Mendonça (2008) afirma:

Tal procedimento, associado à narrativa em fragmentos, cria a ilusão de que espaços do passado coexistem ao lado de espaços do presente... (MENDONÇA, 2008, p. 154)

O que traz, consequentemente, uma veracidade ao texto. Ao apresentar o cenário de uma antiga estação de trem e tardes que passava sob uma árvore, a voz-poemática de “Poema sujo”, diz: “Sem rumo entre vagões rodas/ de trem eixos leprosos/ caixas de rolamento/ abandonadas cheias/ de terra ferrugem graxa/ capim coberto de óleo.../Quantas tardes numa tarde!/ e era outra/ fresca,/ debaixo das árvores boas a tarde/ na praia no Jenipapeiro.” (GULLAR, 1980, p. 243-4). A intenção do sujeito poético não aparenta ser dissertar sobre os cheiros que sentia nos referidos lugares, e sim, somente apresentá-los. Entretanto, por fazer menção à *capim coberto de óleo* ou sobre o *frescor* de uma tarde em uma praia, logo, é possível meditar sobre odores que esses lugares tinham.

Entretanto, a descrição de maus cheiros sobrepõe-se a quaisquer outros sentidos nas duas obras estudadas. Não é possível encontrar nos textos relatos de odores que são bons ou agráveis de maneira tão incisiva quanto os cheiros que são desagradáveis. A imagética predominante que se encontra presente em ambas reproduções artísticas são de ambientes precários e muito sujos.

No trecho a seguir, é possível perceber como o eu-lírico descreve um espaço em que, por haver a presença de *carniça* (carne em estado de putrefação), o ambiente torna-se malcheiroso. “Um urubu/ que é ele mesmo um dia preto farejando carniça/ e na carniça/ junto do Matadouro/ que fede...” (GULLAR, 1980, p. 252). Essa descrição relembra as características utilizadas na construção de “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, que semelhantemente à Gullar, relata cheiros e odores em suas narrações. “À noite e aos domingos ainda mais recrudescia o seu azedume...” (AZEVEDO, 2001, p. 29). *Azedume* é uma palavra utilizada para se referir à comida estragada, assemelhando-se ao *fedor de carniça*, do qual que se fala no “Poema sujo”. Tais fragrâncias são parecidas por serem ruins e incômodas.

Em uma das cenas de “O cortiço”, o narrador relata: “Não podia chegar à janela sem receber no rosto aquele bafo, quente e sensual, que o embebedava com o seu fartum de bestas no coito.” (AZEVEDO, 2001, p. 30). A cena que ele apresenta é tão miserável e repleta de maus cheiros, que ele compara tal situação (o odor do ato sexual) com os das *bestas*, ou seja, com o de animais.

Esse fato traz a memória uma passagem presente na obra “Poema sujo”: “Atravessado de cheiros de galinheiros e rato/ na quitanda ninho/ de rato/ cocô de gato/ sal azinhavre sapato/ brilhantina anel barato/.”

(GULLAR, 1980, p. 249). Note-se que, ao descrever o lugar onde vivia, o eu lírico faz questão de não separar o cenário humano do cenário animal, poiscoço de gato, ratos (presença bestial), sapatos, brilhantina e anéis baratos (presença humana), vivem em comunhão.

Isso pode sugerir que a condição de vida das pessoas ali é tão deficiente e inepta, sua existência é tão atroz, que se compara à de bichos; na verdade, pela falta de pontuações nos versos, sugere-se que a vida das pessoas naquela situação se junta à dos animais, como se fossem uma só, estando, dessa forma, intrinsecamente interligadas. Nas duas obras, os humanos representados são tão míseros, que possuem características animais. Para Todorov(2009), essa percepção só é possível porque

[...] a literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. (TODOROV, 2009, p. 89)

Dessa maneira, pode-se afirmar que, tanto na obra de Gullar como na de Azevedo, esta particularidade de descrever ambientes por meio de aspectos sensoriais – neste caso, o olfato – é comum. Notoriamente, a grande maioria dos espaços construídos possui um forte odor desagradável, o que provavelmente ocorre para que se exponha a precariedade de vida das pessoas dos subúrbios maranhense (em “Poema sujo”) e carioca (em *O Cortiço*), assim como denunciar a falta de direitos de básicos – como o saneamento básico, por exemplo –, para aquela parte da sociedade. Como concluído por Boechat (2011),

[...] as personagens analisadas nas duas obras literárias selecionadas na presente pesquisa estão inseridas em um espaço geográfico que se insere em um contexto cultural e em um contexto nacional. (BOECHAT, 2011, p. 20)

Portanto, o espaço em que estas personagens e o eu-lírico estão inseridos diz respeito ao contexto nacional de pobreza.

### 3. A sujeira

De acordo com o princípio de causa e efeito<sup>358</sup>, a presença dos odores pressupõe a existência da sujeira, o que faz com que essa análise se estenda do sensorial para o material. Não se pode, portanto, ignorar o

---

<sup>358</sup> Princípio da metafísica aristotélica, conhecida como *causalidade*.

contexto social em que está inserida essa sujeira, que se relaciona diretamente com o contraste de realidades causado pela desigualdade socioeconômica. Se não há educação e empregos dignos, as pessoas passam a viver de maneira restrita, limitada. Se essa pobreza chega ao seu extremo, essas mesmas pessoas acabam por viver em um contexto de miséria e animalidade.

No caso do romance cientificista, busca-se comprovar que esse ambiente, que é econômico e educacionalmente limitado, é fator determinante para a construção da realidade dos indivíduos, de maneira que o fato de nascer num contexto de pobreza condicionaria um indivíduo a agir de forma animal. Por esse motivo é que Afrânio Coutinho afirma que a corrente naturalista tinha uma “intenção falaciosa de fazer ciência” (COUTINHO, 1996, p. 89).

Ainda de acordo com Coutinho (2004, p. 79), “O cortiço” é “o melhor romance de aglomerado humano da literatura brasileira”. Sendo um tipo de moradia barata, periférica, o cortiço São Romão é habitado por diversos tipos de pessoas. Pessoas essas que se caracterizam por agir de maneira peculiar, dissonante dos bons modos e convenções sociais, o que leva a acreditar que a pobreza e, principalmente, a falta de educação, despertam nas pessoas um instinto de sobrevivência, em que o ser humano, que biologicamente é considerado um animal racional, para de agir com o seu lado racional e suas características animais passam a ser predominantes. A dinâmica social e as condições materiais do cortiço opõem-se às convenções comportamentais e à estrutura arquitetônica do ambiente urbano. E é nesse contexto social e físico em que habita aquele “aglomerado humano”. Para Mendonça (2008),

Sendo ...o espaço, comumente pano de fundo, passa a ser elemento organizador da narrativa. Nesse caso, não nos é possível a referência ao espaço ficcional como lugar para o desenvolvimento das ações - função ainda considerada como primordial.... Estes experimentalismos implicam em transformações na função e na significação do espaço. Isso quer dizer que os espaços, carregados de valores mutáveis, passaram de pano de fundo em que os eventos ocorriam, mas não eram afetados por eles, para se transformarem em participantes ativos da dinâmica da narrativa. (MENDONÇA, 2008, p. 14-15)

A desorganização e desestrutura social citadas acima fizeram com que se gerasse um ambiente caótico, uma estrutura habitacional que teve como força motriz de sua construção, a ganância e ambição desmedida de João Romão. Ao fazer como sua finalidade principal o lucro, o português avarento construiu o cortiço para ganhar dinheiro da maneira mais

fácil possível, sem se importar com o conforto e a qualidade de vida de seus inquilinos. Portanto, as pessoas que ali iam morar eram as que se encontravam desamparadas economicamente.

A realidade insalubre do cortiço pode ser percebida no seguinte fragmento:

Uns, após outros, lavavam a cara incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não molhar [...]. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. [...] As crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das *hortas*. (cap III).

À vista disso, conclui-se que a vivência dos moradores do cortiço era precária, pois eles não tinham privacidade nem mesmo no momento de realizar sua higiene pessoal, tendo que compartilhar o mesmo pequeno e limitado espaço com muitas outras pessoas ao mesmo tempo. Ainda, tinham que urinar e defecar numa latrina compartilhada, o que pressupõe uma falta de higiene sanitária e a existência de fedor.

O fato de as crianças realizarem essas mesmas atividades fisiológicas fora da latrina, revela ainda mais a desordem e indisciplina que ali reinava, chegando ao ponto de “despacharem-se” até mesmo no recanto das *hortas*, o que acentua ainda mais a precariedade do ambiente, pois as *hortas* relacionam-se diretamente à alimentação daquelas pessoas. Tendo dejetos fecais contaminando o solo, os vegetais tornam-se, consequentemente, contaminados pelos componentes tóxicos presentes naqueles. Futuramente, as personagens ingeririam esses alimentos sujos, podendo significar que, a miséria/pobreza torna-se uma espécie de ciclo, ocorrendo exterior (o alimento material contaminado), para o interior das personagens (o alimento quando ingerido). Situações problemáticas assim (ingerir alimentos contaminados) tornaram-se tão frequentes, costumeiras, que passaram a fazer parte do modo de vida dos mesmos.

Em “Poema sujo”, percebe-se, também, a predominante presença da sujeira: “Da lama à beira das calçadas/ da água dos esgotos cresciam/ pés de tomate.” (GULLAR, 1980, p. 6). A partir desse fragmento, é possível perceber que o “Poema sujo” faz jus ao seu título, pois a imundície humana em seu sentido denotativo também aparece constantemente no decorrer do poema.

A sujeira era tão grande que, *na porta de suas casas*, ou seja, até em seu local mais íntimo, ela estava impregnada. É interessante que

quando este verso fala que *cresceriam pés de tomate dos esgotos*, mostra que aquelas pessoas, mesmo vivendo em condições muito difíceis, tinham esperança de que as coisas um dia iriam melhorar. Elas não perdiam a fé, tanto que algo muito incomum ou até impossível poderia acontecer: dar frutos em esgotos. Tais fragmentos do poema mostram, ainda, que a sua situação era tão precária, que os tomates (sua condição de vida) floravam dos esgotos (a pobreza). Em outras palavras, elas deveriam fazer o máximo de esforço que pudessem para sobreviver, pois essa sobrevivência seria tão difícil como fazer nascerem pés de tomates em esgotos – o que é, cientificamente, improvável, já que o tomate é um fruto que necessita de solo fértil para ser produzido.

Por meio de tais exposições observa-se que a sociedade humana sofre de muitas injustiças sociais. Muitas pessoas vivem em cenários em que não se é possível saciar as necessidades básicas da vida, como uma boa moradia esaneamento básico, realidade essa que era comum nos dias da ditadura militar no Brasil, como relata Ferreira Gullar, no final do século XX, e como se vê em “O cortiço” – que se passa no século XIX - e que permanece até a contemporaneidade.

#### **4. Conclusão**

O fato de não haver uma dissociação entre o humano/animal, entre humano/sujeira e de, constantemente, o eu-lírico e o narrador descreverem ambientes precários, por intermédio dos aspectos sensoriais, sobretudo, do olfato, denotam que a vida das personagens inseridas nesses espaços é repleta de dificuldades e vulnerabilidade. Só o nome onde se passa a diegese do “Poema sujo”, o Bairro da Baixinha, já traz a simbologia dessas pessoas serem rebaixadas, marginalizadas.

O subúrbio carioca do século XIX era marcado por pobreza. Pessoas viviam em condições desumanas, condenadas a terem uma baixa qualidade e expectativa de vida, ocasionadas pela grande miserabilidade. Semelhantemente, o cenário de guerra é devastador; milhões de pessoas morrem inocentemente, como consequência das dificuldades econômicas e sociais advindas com os conflitos.

Assim, “Poema sujo” e “O cortiço” conseguem, por meio do fazer poético, denunciar cruamente problemáticas que constantemente permeiam a sociedade brasileira constantemente, como a extrema pobreza e a péssima condição de vida. Uma sociedade não escolhe conviver com o

mau cheiro e com a sujeira de maneira espontânea, na realidade, as injustiças sociais a condiciona a suportar tais situações. Ainda em dias atuais, os citados problemas socioeconômicos persistem, dados mostram que a esmagadora maioria das famílias brasileiras são obrigadas a sobreviver com menos de 400 reais mensais. Portanto, a denúncia que é feita nas obras narrativa e poética analisadas transcendem o tempo-espaço, para tratar de um problema ainda persistente no Brasil.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, A. *O cortiço*. São Paulo: Martin Claret LTDA, 2013.
- BOECHAT, F. B. *Espaço da identidade: a relação entre espaço e personagens em Cinzas do Norte e Órfãos do Eldorado de Milton Hatoum*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Paraná: 2011.
- CÂNDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2016. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2014/03/candido-literatura-e-sociedade-copy.pdf>. Acesso em: 11 set 2019.
- COUTINHO, A. *A Literatura no Brasil*. Era realista era de transição. São Paulo: Global e Distribuidora LTD, 1996.
- GULLAR, F. *Poema sujo*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- KISHIMOTO, M. Som e ação, vivenciados através dos olhos. *Nippon-Japão*: Quartel-General mundial dos mangás. Março, 2010. n. 4.
- MENDONÇA, M. R. *Representações do espaço em narrativas ficcionais de Osman Lins*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras. Goiás: 2008.
- SOETHE, P. A. *Literatura comparada*. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.
- TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Trad. de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.